

O corpo trans em galeria: reflexões sobre o dispositivo da transexualidade

The trans's body and social media: reflections on the transsexuality device

Marcos Paulo de Azevedo¹

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN
marcospaulo@uern.br

Nayara Nicolay Braga²

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN
nayanicolay@gmail.com

Francisco Vieira da Silva³

Universidade Federal Rural do Semi-Árido – UFERSA
francisco.vieiras@ufersa.edu.br

RESUMO: Este artigo tem como objetivo analisar o modo como o dispositivo da transexualidade atua no processo de objetivação/subjetivação de sujeitos trans. Para tanto, tomamos como corpus de análise três textos publicados no perfil Galeria Trans (@galeriatrans), da rede social Instagram, o qual aborda temas como corpo e lutas da comunidade trans. Este trabalho alinha-se aos pressupostos teórico-metodológicos da estudos discursivos foucaultianos, mais especificamente àqueles voltados para a investigação dos modos de constituição dos sujeitos em meio às relações de saber-poder. O movimento de análise revelou que o dispositivo da transexualidade atua na constituição dos sujeitos trans principalmente de duas maneiras: interditando o processo de transição de seus corpos ou regulando esse processo para que ocorra de acordo com um padrão heteronormativo. Diante disso, apontamos para a necessidade de estratégias de enfrentamento a tal dispositivo, a partir de uma atitude ética do sujeito trans, que deve buscar novas formas de subjetivação que se distanciem da matriz heterossexual.

Palavras-chave: Corpo; Dispositivo; Poder; Saber; Transexualidade.

ABSTRACT: This paper aims to analyze the way that the device of transsexuality acts in the objectification/subjectivation process of trans individuals. Thus, our corpus is composed by three texts of the Instagram profile named Galeria Trans (@galeriatrans), that deals with themes such as the body and the struggles of the trans community. This study is based on the theoretical-methodological assumptions of Foucault's discourse studies, more specifically those that regard the investigation of the individuals' ways of constitution within

¹ Professor Assistente da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), lotado no Departamento de Letras Vernáculas. Atualmente é Doutorando em Letras pelo Programa de Pós-graduação em Letras da UERN.

² Estudante do Curso de Licenciatura em Letras Língua Portuguesa, do Departamento de Letras Vernáculas (UERN).

³ Docente da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA) e do Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN) e do Programa de Pós-Graduação em Ensino (POSENSINO) da associação entre a Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), a Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA) e o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN).

the relations of knowledge-power. The movement of the analysis revealed that the device of transsexuality acts on the constitution of trans individuals through two main ways: hindering their bodies' transition processor regulating this process so that it happens according to a hetero normative pattern. Considering these results, we point to the necessity of developing strategies that confront this device, from an ethical attitude of the trans individual, who must pursue new subjectivation ways that stray away from the heterosexual pattern.

Keywords: Body; Device; Power; Knowledge; Transsexuality.

1 Introdução

Pensar o processo de construção dos sujeitos transexuais na atualidade requer a compreensão de fatores sociais e históricos relacionados à produção de saberes sobre esses indivíduos. Bento (2006), ao fazer uma regressão em busca desses fatores, aponta que foi em 1910 que surgiu a nomenclatura “transexual psíquico”, usado pelo sexólogo Magnus Hirschfeld, para designar travestis fetichistas. Segundo a autora, é somente em 1950 que “começam a surgir publicações que registram e defendem a especificidade do ‘fenômeno transexual’” (BENTO, 2006, p. 40). Tais publicações eram em grande maioria da área da medicina, que buscava entender o viés psicológico relacionado ao fenômeno e propor maneiras ou procedimentos cirúrgicos com o objetivo de adequar o corpo desses sujeitos à sua identidade de gênero. Bento (2006) entende que é nesse momento que surge o dispositivo da transexualidade, do qual falaremos mais detalhadamente adiante.

A partir desse momento histórico, ainda segundo Bento (2006), começam a surgir instituições internacionais que irão ampliar as pesquisas sobre o corpo transexual e pensá-lo de forma diferente da homossexualidade, por exemplo. É importante notarmos que esse saber, que foi inicialmente construído e que serviu de alicerce para muito do conhecimento que temos hoje, surge a partir de um viés patologizante, o que fica claro pelo uso do termo “transexualismo”, que traz o sufixo “ismo”, denotando doença, mais especificamente, um transtorno mental. Só muito recentemente, em 2019, a Organização Mundial da Saúde (OMS) oficializou a retirada da transexualidade da lista de transtornos mentais, passando a incluí-la no tópico relacionado à saúde sexual, com a classificação de incongruência de gênero.

Ao lado desse saber científico e patologizante que atravessa a comunidade LGBTQI+⁴, outros atuaram de forma a reprimir a transexualidade, como, por exemplo, os discursos religiosos que classificam, não só trans, mas toda a comunidade LGBTQI+ como pecadores diante dos seus princípios. Essas práticas discursivas religiosas se legitimaram de maneira mais efetiva ao se relacionarem com o discurso patológico em torno da transexualidade, reforçando que esses sujeitos precisam “ser curados” e negando qualquer existência que fugisse do modelo heterossexual, pautado na matriz sexo-gênero. Ciência e religião constituem, desse modo, importantes instituições que atuam a partir de um dispositivo da transexualidade.

⁴ Sigla para Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais/Travestis, Queers e Intersexuais. O símbolo “+” tem a intenção de agrupar outras subjetividades que não se enquadram nas anteriores.

Diante dessa realidade, propomos pensar, a partir dos estudos discursivos foucaultianos, o modo como o dispositivo da transexualidade atua no processo de objetivação/subjetivação de sujeitos transexuais. Para isso, propomos questões como: de que forma o corpo trans é discursivizado no perfil Galeria Trans? Que relações de saber/poder atravessam a constituição desses corpos? Quais as estratégias de resistência ao dispositivo da transexualidade são engendradas pelos sujeitos trans? Para tentar responder a esses questionamentos, tomamos como objeto de análise materialidades discursivas que foram publicadas no perfil da página Galeria Trans (@galeriatras) na rede social Instagram. Os textos trazem relatos e reflexões em torno dos temas corpo, padrões de gênero e relações afetivo-sociais. Esperamos, a partir da análise, compreender de forma mais arguta o funcionamento do dispositivo da transexualidade sobre os corpos trans e visualizar possibilidade de constituição da subjetividade trans para além das amarras de tal dispositivo.

Para cumprir os objetivos do estudo, estruturamos este artigo da seguinte maneira: inicialmente, esta seção de Introdução, em que abordamos brevemente o percurso histórico da construção de saberes sobre a transexualidade; na segunda seção, abordaremos as noções de corpo e dispositivo para a Análise do discurso; em seguida, na terceira seção, realizamos a análise dos textos publicados no perfil Galeria Trans; por fim, apresentamos nossas (in)conclusões nas considerações finais.

2 O corpo e o dispositivo da transexualidade

Discorrer acerca do corpo a partir da perspectiva dos estudos discursivos foucaultianos implica, necessariamente, entendê-lo como um produto histórico-discursivo e não apenas como um elemento biológico (MILANEZ, 2009). No entanto, é preciso que consideremos e problematizemos as concepções referentes a saberes médicos e científicos ligados às noções biologizantes sobre o corpo, pois estas têm exercido sobre os sujeitos, de modo geral, forte influência, especialmente quando observamos as fortes estruturas binárias de gênero que imperam, de forma histórica, na sociedade. Para Rodrigues (2003, p. 111), “a autoridade médica cria normas classificatórias para o corpo humano, de tal forma que as interpretações do sujeito do próprio corpo perdem a validade diante dessas normas científicas”. Nesse sentido, o saber-poder exercido pelo discurso da medicina tem atuado de forma significativa na constituição do sujeito moderno, ao dar sustentação a padrões normativos e disciplinares

que naturalizam determinados corpos e excluem outros, ao passo que enrijecem os modos como os sujeitos enunciam a si mesmos e aos outros em relação a seus corpos.

Já na perspectiva discursiva, o corpo constitui-se enquanto um elemento expressivo, dotado de sentidos que se constroem tanto na individualidade quanto nas relações com o outro. Logo, o corpo representa um mecanismo de transmissão de saberes, desejos e ideias construídas ao longo do processo de interação. Nesse sentido, o corpo é algo que está em um contínuo processo de construção e que irá se modificar conforme a conjuntura na qual está inserido e/ou a partir do olhar de quem o interpreta. Isto é, o corpo é moldável, flexível e se ressignifica ao longo da história. De acordo com Grosz (2000, p. 59-60):

o corpo é usualmente considerado como um meio significante, um veículo de expressão, um modo de tornar público e comunicar o que é essencialmente privado (ideias, pensamentos, crenças, sensações, afetos). [...] É através do corpo que o sujeito pode expressar a interioridade dele ou dela e é através do corpo que ele ou ela podem receber, codificar e traduzir os estímulos do mundo “externo”.

Considerando o raciocínio da autora, o corpo, enquanto um objeto histórico imerso na sociedade, sofre diretas influências de aspectos externos a si. Esse pensamento abre a possibilidade de entendermos que a produção de sentidos no/sobre o corpo pode ser socialmente demarcada por acontecimentos discursivos relacionados a fatores prescritivos acerca de normas de conduta. É o que procuramos discutir sobre o corpo do sujeito transexual em relação aos preceitos heteronormativos, sobre os quais discorreremos mais adiante.

Nesse contexto, a Análise do Discurso busca compreender o corpo não como um elemento biológico, mas sim enquanto uma superfície dotada de interpretativas significações e materialidades simbólicas, onde constituem-se os sujeitos que são, historicamente, atravessados na e pela linguagem. Ainda segundo Grosz (2000, p. 79), “o corpo deve ser compreendido por via de uma série de discursos disparatados e não simplesmente restrito aos modos de explicação naturalistas e científicos”. Nessa lógica, a concepção foucaultiana relacionada ao corpo considera-o enquanto “uma interpretação dependente de um certo ‘olhar’” (RODRIGUES, 2003, p.111). Isto é, o corpo é interpretativo, singular e possui diferentes valores que se transformam de acordo com a ótica de quem os olha. Assim sendo, o corpo, enquanto forma de exteriorização de subjetividades, é considerado pelos estudos da Análise do Discurso como um elemento discursivo produtor de efeitos de sentidos que se dão em meio a lutas constantes entre o sujeito, as normatizações sociais que impõem constantemente uma série de regras e princípios fundamentados a partir de saberes dominantes. Dito de outro modo, o corpo enquanto objeto discursivo se encontra no centro de

relações de saber-poder, as quais atuam disciplinando os corpos. Para Foucault (1999a, p. 177), “a ‘disciplina’ não pode se identificar com uma instituição, nem com um aparelho; ela é um tipo de poder, uma modalidade para exercê-lo que comporta todo um conjunto de instrumentos, de técnicas, de procedimentos, de níveis de aplicação, de alvos; ela é uma ‘física’ ou uma ‘anatomia’ do poder, uma tecnologia”.

Como aponta o filósofo, a disciplina é um mecanismo de poder que atua sobre o sujeito a partir de um conjunto de técnicas e instrumentos, por exemplo, que funcionam como uma tecnologia a partir da qual esse poder se exerce. Assim sendo, essa tecnologia atua sobre o corpo do sujeito dando a ele determinados significados que são produzidos a partir da vontade de verdade que é produzida socialmente, em especial aquela que está relacionada à sexualidade e à identidade de gênero.

Desse modo, as práticas de poder investem e penetram, cotidianamente e de forma meticulosa, os corpos dos indivíduos, na tentativa de controlar sua aparência, suas vontades e desejos, modelando os corpos e seus modos de significação. Nessa perspectiva, o corpo constitui-se como um componente no qual operam-se diferentes tipos de dispositivos de controle que se encontram, assim, intrinsecamente ligados a essas práticas de poder.

A noção de dispositivo constitui-se enquanto um conceito de extrema importância para se compreender as concepções foucaultianas acerca dos modos de funcionamento do poder sobre o corpo. Para Foucault (1984), em síntese, os dispositivos representam uma série complexa de mecanismos e estratégias que, através de diversas instâncias e por meio da configuração de um saber, mantêm a ordem do poder dentro de uma sociedade. Logo, a partir da perspectiva do filósofo, entende-se o dispositivo “como um tipo de formação que, em um determinado momento histórico, teve como função principal responder a uma urgência”. (FOUCAULT, 1984, p. 137). Ou seja, os dispositivos modificam-se ao longo dos tempos para se adequarem às necessidades impositivas das práticas de poder. Mais precisamente, Foucault (1984, p. 137) define o dispositivo da seguinte maneira:

um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma, o dito e o não dito são os elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode estabelecer entre estes elementos.

Considerando a noção apresentada pelo autor, os dispositivos inserem-se no corpo social e atuam enquanto regimes de verdade, isto é, enquanto saberes absolutos; possuem uma intrínseca ligação com as práticas e operam diretamente na constituição e dominação dos

sujeitos, como assevera o filósofo francês: “o dispositivo tem, portanto, uma função estratégica dominante” (FOUCAULT, 1984, p. 138). Dessa maneira, os dispositivos operam de forma a regulamentar os corpos dos indivíduos, em um determinado momento histórico, a partir de instrumentos de controle social e que, por isso, encontram-se intimamente articulados com as relações de saber-poder, uma vez que atuam com base nos saberes – discursos, leis, enunciados científicos e filosóficos etc. – construídos por instâncias de poder, tais como instituições científicas, religiosas, governamentais etc. “O dispositivo, portanto, está sempre inscrito em um jogo de poder, estando sempre, no entanto, ligado a uma ou a configurações de saber que dele nascem, mas que igualmente o condicionam” (FOUCAULT, 1984, p. 139).

Levando em consideração as noções de disciplina e dispositivo no que se refere ao exercício do poder sobre o corpo, cabe pensar também a relação entre esses elementos e a sexualidade. Para Foucault, deve-se buscar a compressão da sexualidade a partir da perspectiva relacionada às práticas de poder e, também, enquanto algo intrinsecamente ligado a saberes construídos historicamente. Assim, de acordo com Foucault (1999b, p. 100), a própria sexualidade deve ser entendida enquanto um dispositivo:

A sexualidade é o nome que se pode dar a um dispositivo histórico: não à realidade subterrânea que se aprende com dificuldade, mas à grande rede da superfície em que a estimulação dos corpos, a intensificação dos prazeres, a incitação ao discurso, a formação dos conhecimentos, o reforço dos controles e das resistências, encadeiam-se uns aos outros, segundo algumas grandes estratégias de saber e de poder.

O dispositivo da sexualidade edifica-se no século XVIII, época em que os discursos sobre o sexo passaram a ser incitados, os sujeitos eram levados a falar sobre o sexo em espaços de exercício do poder, como na clínica ou na igreja (FOUCAULT, 1999b). Nesse seguimento, todas as camadas populares foram instigadas a produzir uma série de saberes acerca de suas práticas e desejos sexuais, a partir dos quais determinadas relações de controle seriam instauradas, de modo que, pelo seu alcance, o dispositivo da sexualidade pode ser considerado um dispositivo global, como aponta Foucault (1999b, p. 101): “o dispositivo da sexualidade tem, como razão de ser, não o reproduzir, mas o proliferar, inovar, anexar, inventar, penetrar os corpos de maneira cada vez mais detalhada e controlar as populações de modo cada vez mais global”. Mais especificamente, as relações de poder são postas em prática a partir de dispositivos, os quais, munidos de um conjunto específico de princípios, condutas e comportamentos, neste caso, ligados ao sexo, buscam regular a vida dos sujeitos.

Nesse sentido, o corpo figura como o principal objeto e alvo do dispositivo da sexualidade, haja vista que uma das finalidades deste consiste em vigiar e normatizar os corpos e suas subjetividades. As técnicas de vigilância e normatização do dispositivo da sexualidade são constantemente atualizadas, pois este se altera ao longo dos tempos conforme se modificam os saberes imperativos. É importante também ressaltar que o dispositivo da sexualidade, através de dados, instituições sociais, técnicas e saberes, controla mas também estimula a sexualidade; agindo de uma ou outra maneira a depender da agenda que predomina em um determinado lugar e momento da história. Como aponta Foucault, “o dispositivo da sexualidade funciona de acordo com técnicas móveis, polimorfos e conjunturais de poder [...] o dispositivo da sexualidade engendra, em troca, uma extensão permanente dos domínios e das formas de controle” (FOUCAULT, 1999b, p. 101).

O raciocínio construído até aqui serve de base para que busquemos entender os jogos de poder nos quais se colocam no tabuleiro os corpos dos sujeitos transexuais. As práticas de controle e exclusão dos corpos trans acontecem através de uma série de produção de discursos que se fundamentam em saberes construídos cultural e cientificamente acerca dos papéis de gênero que o sujeito pode assumir em sociedade. Nesse sentido, é interessante pensar em como as relações de saber-poder atuam sobre os sujeitos trans a partir de um dispositivo da transexualidade. Este pode ser entendido como um desdobramento do dispositivo da sexualidade e que atua diretamente dentro na ordem social legitimando a perspectiva heterossexual como matriz regulamentadora de gênero. Segundo Santos (2010, p. 58),

entende-se que o dispositivo da transexualidade se configura como um conjunto de enunciados, práticas, postulados, teses científicas, experiências, instituições, entre outros elementos que perfazem um regime de enunciados e práticas que consolidaram a transexualidade enquanto um transtorno de identidade de gênero e/ou disforia de gênero. Esse “mecanismo” transformou, ao longo do século XX, a transexualidade em uma patologia cujo processo deu-se a partir de um jogo de relações de força, disputas de conhecimentos, desenvolvimento de pesquisas, técnicas de intervenções corporais etc.

Dessa forma, o dispositivo da transexualidade interfere e governa os processos subjetivos relacionados às escolhas transicionais de sujeitos transexuais. Ou seja, “O dispositivo da transexualidade tenta regular as microinterações que se efetivam nesse espaço, além de tentar interferir, em níveis variados, na organização de suas subjetividades” (BENTO, 2009, p. 103). Portanto, esse dispositivo pode agir de duas maneiras: primeiro, tentando interditar o processo de transição dos sujeitos trans, com base, por exemplo, em discursos religiosos – que consideram essa existência um pecado – ou mesmo em discursos advindos

das ciências biológicas – os quais determinam o gênero do indivíduo a partir dos seus cromossomos; segundo, regulando esse processo de transição para que ocorra de acordo com um padrão heteronormativo, fundamentado a partir de saberes, poderes e discursos históricos referentes aos papéis de gênero que homens e mulheres devem assumir. Por exemplo, uma mulher trans, para que seja aceita, precisa buscar o mesmo padrão de beleza física e de comportamento social que é exigido de uma mulher cisgênero.

Nesse contexto, como enfatiza Santos (2011, p. 119), “a ideia da transexualidade, enquanto um dispositivo, reflete um conjunto de saberes que, através de relações e práticas de poder, estabeleceram sobre os corpos, o sexo e a sexualidade toda uma organização conceitual”. Um dos principais saberes que imperam nessa organização conceitual é aquele relacionado à matriz heterossexual, ou seja, à ideia de que haveria uma coerência linear entre o sexo com que se nasce, o gênero, os desejos e práticas sexuais (MISKOLCI, 2014), uma espécie de heterossexualidade compulsória. A heteronormatividade faz uso dessa relação binária (homem e mulher) e da percepção heterossexual para apresentar modelos de corpos que reproduzam esse estigma que, historicamente, foi naturalizado e cristalizado dentro da lógica e dos saberes médicos, a partir do exercício do poder. Nesse contexto, o dispositivo incita formas de rejeição e noções de inferioridade sobre os corpos dos sujeitos transexuais, fazendo com que estes utilizem técnicas, artifícios e performances corporais, com o intuito principal de se adequarem às características sociais do gênero com o qual se identificam. Bento (2009, p. 106-107) cita algumas dessas técnicas:

A utilização de faixas que apertam os seios, técnicas para esconder o pênis, camisetas com gola alta para não mostrar o pomo de adão, perucas, maquiagens para disfarçar os sinais de barba são algumas das técnicas utilizadas na busca de uma coerência entre as performances de gênero e o corpo apropriado para desenvolvê-las.

Esse conjunto de procedimentos, a partir da concepção foucaultiana, representam as chamadas técnicas de si. Assim, conforme desenvolve-se essa gama de condutas e de modos de subjetivação, neste caso, através de intervenções corporais, o sujeito passa a constituir-se a si próprio. Para Foucault (2014a, p. 266), as técnicas de si “permitem aos indivíduos efetuar, sozinhos ou com a ajuda de outros, certo número de operações sobre seu corpo e sua alma, seus pensamentos, suas condutas, seu modo de ser; transformar-se a fim de atingir certo estado de felicidade, [...] de perfeição”. No que se refere aos sujeitos trans, a realização das técnicas de si se dá com vistas a alcançar um corpo que performe a identidade de gênero com a qual se identifica. No exercício dessas técnicas, vemos o embate do sujeito com as relações

de poder que o atravessam num processo de subjetivação/objetivação: ele age sobre o seu corpo – num ato de subjetivação – para performar o gênero que deseja, mas ao praticar essa ação, movido pelo dispositivo da transexualidade, reproduz modelos heterossexuais – que o objetivam.

Essa situação é o que motiva a crítica de Butler (2000, s/p) à performatividade de gênero: “a performatividade não é, assim, um 'ato' singular, pois ela é sempre uma reiteração de uma norma ou conjunto de normas. E na medida em que ela adquire o status de ato no presente, ela oculta ou dissimula as convenções das quais ela é uma repetição”. As normas reproduzidas no ato performativo de gênero são aquelas que já mencionamos, oriundas da matriz heterossexual. Butler (2000) alerta ainda para o fato de a performatividade de gênero ocultar ou dissimular convenções dessa matriz, o que resulta do equívoco do sujeito em pensar que tem o controle total de si. Algo que também é reforçado por Ramos (2016, p. 242) ao tratar das práticas (técnicas) de si:

Tais práticas, as quais podemos entender como práticas de si, não são assimiladas aleatoriamente pelos sujeitos. Elas são fomentadas por discursos de verdade que pretendem investi-los numa noção de sujeito capaz de transformar a si próprio para alcançar aquilo que o torne bem-sucedido e emocionalmente feliz. Tais discursos auxiliam, dessa forma, na produção de subjetividades, mas também nos modos de ser.

Diante disso, podemos entender que esses discursos de verdade atuam, ao mesmo tempo, motivando o sujeito trans a realizar as transformações que lhes trarão felicidade e determinando seus modos de ser, nesse caso, um modo de ser pautado na heteronormatividade. Ressaltamos, nesse íterim, que as técnicas de si estão também relacionadas às formas de sujeição impostas pelos mecanismos de poder, haja vista que a construção dessas particularidades é realizada com base em um código de conduta que privilegia integralmente a obediência a determinados critérios e valores estéticos que foram cristalizados através de instâncias e regulamentos sociais. Entretanto, embora essas técnicas se manifestem fazendo referência a elementos prescritivos, elas, por outro lado, colaboram com o estabelecimento de uma relação consigo mesmo, isto é, com a construção de uma subjetividade singular que, paradoxalmente, representa uma resistência às relações de poder.

3 O corpo trans em galeria: análise dos modos de objetivação/subjetivação a partir do dispositivo da transexualidade

Para analisar o modo como o dispositivo da transexualidade atua no processo de objetivação/subjetivação de sujeitos trans, selecionamos para compor o *corpus* deste artigo três textos do perfil Galeria Trans⁵ (@galeriatrans), disponível na rede social Instagram. Esta página possui 1.282⁶ (mil duzentos e oitenta e dois) seguidores e apresenta a seguinte descrição: “Plataforma de valorização dos corpos e lutas Trans. Nossa rotina ‘EXPOSTA’ pra quem quer ver e nos conhecer DE VERDADE”. O perfil é atualizado, frequentemente, com colunas escritas por indivíduos transexuais, que escrevem sobre seus corpos, desafios e vivências cotidianas. Costuma, ainda, fazer publicações informativas acerca de campanhas que buscam ajudar a população trans em situações de vulnerabilidade. A escolha do perfil se deu a partir de pesquisa aleatória na ferramenta de busca do Instagram, onde pesquisamos perfis que falassem sobre a comunidade trans. Já a seleção das três publicações que serão analisadas se deu a partir de um trajeto temático de leitura (GUILHAUMOU; MALDIDIER, 1997), que possibilitou a construção de uma relação entre corpo, padrões de gênero e relações afetivo-sociais. Desse modo, a análise da materialidade discursiva escolhida permitirá uma melhor compreensão do funcionamento do dispositivo da transexualidade, uma vez que faremos análise de discursos produzidos por sujeitos trans, que têm seus corpos atravessados pelo dispositivo.

O primeiro texto⁷ a ser analisado, escrito pelo sujeito Bruna Benevides, apresenta-se com o seguinte questionamento: “A praia é para todes?”. No texto, a autora reflete sobre a cultura da exibição de corpos perfeitos na praia. Este ambiente é propício a tal exibição, uma vez que os biquínis, masculinos ou femininos, permitem a exibição do corpo, especialmente partes como abdômen, pernas, bumbum, seis e realçam, em alguns casos, as partes íntimas. Contudo, não é qualquer corpo que é aceito na passarela de areia: ele precisa ser, principalmente, um corpo magro, definido. Essa prescrição acentua-se sobre os corpos transexuais, pois, além de precisar apresentar as características mencionadas, ainda deve representar ideais, contornos e trejeitos masculinos/femininos.

Sobre esse aspecto, o sujeito Bruna escreve: “Ir à praia, talvez demonstre as maiores inseguranças em relação ao corpo trans. Pois estaremos *seminus*, segredos revelados ao sol.

⁵ A página pode ser acessada em: <<https://www.instagram.com/galeriatrans/>>. Acesso em: 4 ago. 2020.

⁶ Acesso em 4 de agosto de 2020, às 20h06min. O número de seguidores pode sofrer alterações.

⁷ Texto completo disponível em: <<https://www.instagram.com/p/B7lj6ZYnPVF/>>. Acesso em: 4 ago. 2020.

Segredos que muitos de nós não temos coragem de olhar no espelho, em muitos casos”. Pelo descrito, cria-se o efeito de sentido que a insegurança é gerada pelos “segredos” que podem ser “revelados ao sol”, segredos que muitos desses sujeitos não conseguem “olhar no espelho”, quanto mais expor à luz para todos.

Desse modo, entende-se que a praia, conforme a perspectiva do texto da autora, apresenta-se como um espaço profundamente dominado pelo dispositivo da transexualidade, haja vista que neste ambiente os corpos são obrigados a apresentar-se de forma a obedecer a estereótipos binários e heterossexuais de gênero. Ou seja, o dispositivo dita normas sobre como o corpo trans deve se comportar em uma praia, mais especificamente, sobre o que deve ou não ser exposto. E, caso exista desobediência quanto a isso, estes corpos serão ridicularizados. O sujeito Bruna afirma que “A Praia, talvez seja o ambiente mais desafiador (se não, opressor) para pessoas Trans”, e descreve os marcadores que se evidenciam nestes espaços e que precisam ser escondidos, uma vez que não coincidem com o “corpo de praia”:

Pelos no rosto e pomo de adão, seios pequenos ou ausência deles; ombros largos e quadris estreitos demais para uma mulher; Pênis marcando na calcinha, para Travestis e Mulheres Transexuais; e Peitos Grandes, quadris largos demais para um homem; ausência de pênis—para homens trans. São alguns exemplos destes marcadores. Mas para muitas pessoas trans, estes citados não são apenas marcadores/estereótipos de gênero, são marcadores de nossa não cisgeneridade, que nos expõe, nos coloca em destaque (mesmo sem querer), nos alija do convívio social e em muitos casos, faz ter repulsa por quem somos – devido a regra binária cisgenera. Faz "adoecer" e buscar um corpo perfeito – inatingível para a maioria das pessoas comuns – simplesmente para que deixemos de ser apontados ao passar na rua.

Assim, no ambiente da praia essas marcas encontram-se, portanto, extremamente expostas de modo a atrair olhares sobre os corpos, olhares estes munidos de uma série de julgamentos e preconceitos alimentados pelo dispositivo da transexualidade e fundamentados a partir do padrão heteronormativo que impera, historicamente, na sociedade. Nesse contexto, esses marcadores, que ficam em evidência à luz do dia, não condizem com a percepção de corpos binários e, por isso, com o intuito de se adequarem ao chamado “corpo de praia”, os sujeitos transexuais buscam técnicas que mascaram e disfarçam esses marcadores, com a finalidade de parar de “ser apontado na rua”. Entretanto, essa incansável procura pelo corpo perfeito e inacessível causa uma série de frustrações e sofrimentos e, conseqüentemente, adoecimento mental.

Sendo assim, uma série de efeitos de sentido são produzidos e emanam de um corpo trans exposto em uma praia, dentre eles o da estranheza, o da não aceitação e do julgamento são preponderantes entre os demais. Por esse motivo, o sujeito é levado a pôr em prática as

técnicas de si e realizar uma espécie de negociação com o dispositivo da transexualidade, isto é, o sujeito esconde partes do corpo com peças de roupa, com a finalidade de ser aceito, realiza cirurgias ou toma hormônios com o intento de adequar seu corpo ao padrão exigido. Tal atitude, como mencionamos na seção anterior, denota em embate entre o sujeito e as relações de saber-poder que emanam do dispositivo, num processo de objetivação/subjectivação em que o sujeito, ao mesmo tempo, performa o gênero com que se identifica – indo de encontro à matriz heterossexual, mas reproduz modelos de gênero heteronormativos.

O caso de um sujeito mulher trans, por exemplo, não aceitar o fato de que possui um pênis e que isso não o impede de ser uma mulher, indica o atravessamento do dispositivo da transexualidade que, pela matriz heterossexual, vai dizer que mulheres são aquelas que possuem vagina, e homens aqueles que tem pênis. Essa ainda é a realidade de muitos desses sujeitos, embora já possamos encontrar outros que aceitam o fato de ser uma mulher com pênis, o que é um movimento de resistência (FOUCAULT, 2014b) ao dispositivo da transexualidade e seu efeito de objetivação.

O sujeito Bruna questiona ainda o porquê de pessoas trans não poderem ir à praia sem, necessariamente, serem o centro das atenções. O sujeito diz que sua relação com o ambiente em questão estava relacionada diretamente com as cobranças e prescrições impostas socialmente, através do dispositivo, sobre o padrão exigido de um corpo bonito, de um “corpo de praia” e, por isso: “Não ia à praia. Simplesmente não ia. Dizia que não gostava. Porque não me sentia confortável. Não me sentia segura ou capaz de aproveitar aquele ambiente e suportar as pessoas – e o padrãozinho – que a frequentam”. Essa fala evidencia o efeito de sentido de exclusão social que o dispositivo da transexualidade impõe aos sujeitos trans.

No entanto, como afirma Foucault (2014b), as relações de saber-poder pressupõem a possibilidade de resistência e, como já mostramos, os sujeitos transexuais elaboram, por meio das técnicas de si, um conjunto de estratégias de resistência. O sujeito Bruna, em seu texto, explicita o momento em que altera seu modo de agir diante das imposições heteronormativas, o momento em que entende que seu corpo não precisa se encaixar em padrões e o resgata do cativeiro heteronormativo e o expõe à luz:

Foi aí que apesar de toda pressão estética, aceitei que tenho um corpo de praia! Um Corpo perfeito, desejável, funcional, sensual, capaz de dar e sentir prazer. Um corpo não cisgênero possível, real. O meu corpo! Independentemente do quão fora de um padrão cisgênero ele possa estar. Ele é o meu corpo, e eu sou ele. Não há nada de errado com ele. Este corpo não é o corpo de um homem. Nunca foi e nunca será. Meu corpo é a minha armadura na disputa

deste e de tantos outros espaços. Que estará ali, público e interdito para quem quiser observar/desejar.

A partir desse texto, podemos entender o momento em que o sujeito toma para com seu corpo uma atitude ética, ou seja, o sujeito constitui a si mesmo a partir de seus desejos, de suas próprias ações. Esse processo de constituição ética do sujeito é investigado por Foucault (2006, p.11) ao “analisar as práticas pelas quais os indivíduos foram levados a prestar atenção a eles próprios, a se decifrar, a se reconhecer e se confessar como sujeito de desejo, estabelecendo de si para consigo uma certa relação que lhes permite descobrir, no desejo, a verdade de seu ser”. É o que percebemos na fala do sujeito Bruna, ao ressignificar seu corpo: antes motivo de desconforto e insegurança, passa a ser representado pelo próprio sujeito como um corpo possível, desejável e sensual (“Ele é o meu corpo, e eu sou ele”), à revelia dos padrões heteronormativos. Esse corpo passa a figurar como instrumento de resistência (“Meu corpo é a minha armadura”) ao dispositivo da transexualidade, a partir de um processo de constituição ética da subjetividade trans, opondo-se aos modos de objetivação. Dito de outro modo, a estratégia de resistência se constrói pela ressignificação do corpo, outrora pensado e disciplinado pela ótica das limitações do dispositivo da transexualidade, agora representado através da própria concepção do sujeito.

O resultado desse processo de subjetivação ética é o estado de felicidade de que fala Foucault (2014a), embora não possamos afirmar que o sujeito esteja totalmente livre das amarras impostas pelos dispositivos. Em todo caso, o efeito de sentido dessa felicidade é perceptível no encerramento do texto do sujeito Bruna, no qual também faz um chamamento: “Se desafie. Te desafio. Ame seu corpo. A praia é linda. Colocar a cara no sol nunca fez tanto sentido! Seu corpo já é uma ocupação! A praia é nossa, vamos ocupá-la! Vá a praia! Vamos a praia! Ela é nossa!”.

O segundo texto⁸ a ser analisado, escrito pelo sujeito Bruno Pfeil, traz o seguinte título: “Corpo trans no ambiente acadêmico”. No texto, o autor discorre acerca da experiência de seu corpo dentro da academia e ressalta que esta pode ser também a realidade de outros sujeitos trans. Segundo ele, “As estruturas produzidas no ambiente acadêmico operam de duas maneiras: ou não se voltam a mim, invisibilizando meu corpo no campo de saber em questão; ou, se me contemplam, o fazem de maneiras bem absurdas, seja pela infantilização ou pela patologia”. Nessa visão, o espaço acadêmico constitui-se enquanto um ambiente, de certa forma, autoritário e normativo, isto é, funciona também como um dispositivo, principalmente

⁸ Texto completo disponível em: <<https://www.instagram.com/p/B58BpaMnJV7/>>. Acesso em: 4 ago. 2020.

se considerarmos que é neste espaço que os saberes científicos são produzidos e legitimados, adquirindo status de verdade. Através da lente do dispositivo da transexualidade, enxergam-se discursos científicos de diferentes áreas pelos quais o corpo trans é atravessado no ambiente acadêmico: o biológico, o patológico, o social, o linguístico, o filosófico, o político etc. Como veremos mais adiante, o corpo trans é estudado em todas essas esferas, mas nem sempre o sujeito trans consegue ocupar o lugar de produção de saberes sobre si ou mesmo a produção de saberes sobre outros temas.

A passabilidade, enquanto um desdobramento da heteronormatividade, atua como uma das muitas estratégias de dominação produzidas pelo dispositivo da transexualidade e impostas através da cisnormatização dos corpos trans. Nesse sentido, corriqueiramente, sujeitos trans assumem a passabilidade e se rendem ao dispositivo, com o intuito de escapar das violências decorrentes da transfobia ou até mesmo com a finalidade de se encaixarem em um “cistema” que os coloca, constantemente, às margens da sociedade. Sobre a questão, o sujeito Bruno conta que:

Apesar de todas as nuances por trás dela, a passabilidade me priva de uma série de violências às quais meu corpo já esteve vulnerável. Dependendo de como eu me vista, da quantidade de pelos no rosto, do jeito de andar, de minha postura, fico imune a possíveis homotransfobias, como entrar no banheiro masculino sem ser barrado ou agredido ou adquirir uma visibilidade sustentada pelo machismo.

Nesse contexto, o sujeito reflete acerca da extrema dificuldade de se construir uma narrativa de si dentro de um ambiente tóxico que possui um sistema de produção de sentidos rígido e de caráter normativo. A passabilidade está relacionada à possibilidade de performar o gênero masculino ou feminino o mais próximo possível do padrão, isto é, quanto mais um sujeito homem trans, por exemplo, apresenta em seu corpo características de homem cisgênero, mais ele é aceito e menos sofre violência. O caso do sujeito Bruno é um exemplo interessante para pensarmos a crítica de Butler (2000) à performatividade de gênero. O sujeito atinge um estado de subjetivação como sujeito masculino, mas reproduz o padrão heteronormativo.

Dando seguimento à fala sobre o lugar destinado ao sujeito trans na academia, o sujeito Bruno escreve: “Pertencemos a um não-lugar na medida em que nossos corpos, histórias e produções de narrativas são apropriados por uma linguagem que não é nossa ou por sujeitos que não nos compõem, mas que nos atravessam sempre”. Nesse sentido, o dispositivo da transexualidade, dentro da academia, permeia o corpo dos sujeitos e passa a impor, de forma inflexível, lugares e espaços fundamentados conforme os estereótipos de gênero. Há,

nesse aspecto, um complexo processo de objetivação/subjectivação do sujeito trans, que se constitui e é constituído a partir desses lugares e normas que lhes são impostos pelo outro. Interessante pensar na colocação do sujeito Bruno sobre a produção de seus corpos e narrativas a partir de uma linguagem que não é deles, ou seja, uma vontade de verdade sobre a transexualidade é produzida a partir de um lugar e de uma linguagem que não os pertence, que os objetiva, e quando por acaso são chamados à participar, são infantilizados ou patologizados.

O sujeito Bruno ressalta, ainda, que para além da participação de sujeitos trans na construção de saberes sobre gênero e sexualidade, outros espaços deveriam ser proporcionados. Em seu discurso, temos o efeito de sentido de que se há um docente trans dentro de uma universidade, há uma expectativa de que ele leccione disciplinas voltadas a temáticas relacionadas à gênero e sexualidade, apagando oportunidades para ocupação de outros lugares possíveis dentro do ambiente acadêmico. Sobre isso, ele afirma: “Me vejo impelido a ocupar um lugar que não necessariamente almejo na academia. Falar de gênero e sexualidade, corporalidades não-cisnormativas, tentativas de subverter a lógica binária é bastante interessante, mas parece que é só esse lugar que me cabe”.

Nessa lógica, observa-se que o corpo trans, quando inserido no espaço acadêmico, é constituído a partir de práticas discursivas do outro e pelas bases dessa instituição científica. Logo, este corpo encontra-se forçado a se encaixar em lugares moldados que limitam sua atuação. O efeito de sentido que se constrói a partir da experiência do sujeito Bruno é que o corpo trans na academia é mais objeto do que produtor de saber, o que nos diz muito sobre o modo como o sujeito trans é discursivizado na academia. Foucault (2008), ao falar das modalidades enunciativas, destaca que determinadas construções discursivas se dão a partir da posição que o sujeito ocupa. Logo, essa fala do sujeito Bruno surge a partir desse lugar de limitação na academia, reflete uma realidade que ele vivencia em seu corpo e esse seu texto no Perfil Galeria Trans se coloca como um ato de resistência a essa disciplinarização acadêmica do corpo trans.

No entanto, esses sujeitos, muitas vezes, sentem-se na obrigação de ocuparem esses espaços e falarem acerca de temáticas que envolvam a transexualidade em função do receio de serem invisibilizados ou incompreendidos. Nas palavras do sujeito Bruno:

Ou eu ocupo esse espaço, ou, como expus no começo do texto, 1) [as pessoas cis] não tocarão em assuntos referentes ao cuidado/atendimento a pessoas trans, à transgeneridade e a todas as questões que permeiam esse campo, nos invisibilizando e 2) falarão merda, seja de forma concreta, seja se apropriando de um corpo que não lhes compete.

Desse modo, nota-se que o dispositivo da transexualidade constrói e legitima visões limitadas acerca do sujeito trans dentro da academia, de forma a cercear sua liberdade intelectual e reduzir sua autonomia e causar, por conseguinte, uma sensação de não pertencimento. Segundo o sujeito Bruno, a universidade tornou-se um lugar de “desterritorialização constante. Afinal, não posso pertencer ao que não me diz respeito”. Nesse sentido, urge a necessidade de se questionar e de se pensar novos lugares fora da ótica do dispositivo, lugares estes onde pessoas trans possam falar sobre outros assuntos que não sejam demandas dessa academia patologizante, isto é, lugares possíveis, lugares que o dizem respeito, já que segundo o sujeito Bruno: “Nossos corpos se fabricam a todo momento, e é exatamente nesse processo que eu acredito que se torne possível romper com estruturas ciscêntricas e invisibilizantes”.

Pelo exposto, entendemos que o dispositivo que atravessa os sujeitos trans na academia limita as possibilidades de produção de saberes em outras áreas e mesmo saberes sobre si a partir de uma linguagem própria, ou seja, os saberes sobre si construídos por eles na academia se materializam a partir de uma vontade de verdade que se baseia em discursos já cristalizados na academia. É importante ressaltar que não negamos a liberdade de produção científica que muitos sujeitos trans exercem hoje na academia. O efeito de sentido que temos descrito aqui advém do nosso gesto de leitura do texto do sujeito Bruno, que relata essa dificuldade de possuir na academia um discurso próprio, um espaço próprio, uma narrativa própria, que contemple suas verdadeiras subjetividades e desejos. Sobre esse aspecto, Foucault (2014b, p. 128) destaca: “o problema, ao mesmo tempo, político, ético, social e filosófico que se apresenta a nós, hoje, não é de tentar liberar o indivíduo do Estado e de suas instituições, mas de nos livrarmos, nós, do Estado e do tipo de individualização que a ele se prende. Precisamos promover novas formas de subjetividade [...]”. O filósofo propõe uma tomada de atitude ética do sujeito em relação ao exercício das relações de saber-poder que o atravessam, objetivando-o.

Para o autor, os sujeitos devem buscar outros modos de subjetivação que se distanciem daqueles que lhes são impostos. No caso do sujeito trans na academia, é preciso não só lutar pela ocupação de outros espaços, mas pela criação de novos, que representem seus anseios, em que seus corpos possam existir com mais liberdade. Decerto que a criação desses espaços pressupõe a elaboração de estratégias de resistência que se oponham aos dispositivos disciplinares. Uma dessas pode ser a desconstrução da matriz de gênero heterossexual, ou seja, a desnaturalização de modelos performativos de gênero já enraizados. Mas, como afirma Sales (2008, p. 4), na busca por essas novas formas de subjetividade, na busca por uma

“experiência da vida como obra de arte”, não existe “um modelo a ser atingido, uma forma perfeita, mas a possibilidade de um exercício da liberdade na composição de um estilo de vida”. Desse modo, ao agir eticamente na constituição de si, o sujeito seria capaz de encontrar ou de criar novos espaços onde seus corpos pudessem existir de acordo com seus anseios.

Passemos à análise do terceiro texto⁹, que se intitula “Quem vai me querer?” e foi escrito pelo sujeito Luana Santos, mulher trans. Esse texto completa nosso percurso de leitura, trazendo o tema dos relacionamentos afetivos. Em sua escrita, o sujeito relata as dificuldades enfrentadas por mulheres trans ao se relacionarem com homens cisgêneros.

“Tenho que te contar uma coisa”, eu disse. Ele olhou para mim apertando os olhos. Tínhamos acabado de nos conhecer, então só posso imaginar as infinitas possibilidades que passavam pela cabeça dele. Não que eu necessariamente tenha me sentido ameaçada por ele, mas conhecia as estatísticas. Sabia o que acontecia com meninas como eu. Somos as mulheres que os caras amam às escondidas. Somos aqueles segredos inconfessáveis, só recebemos telefonemas tarde da noite. Podemos ser lindas, inteligentes ou bem-sucedidas, mas temos de nos contentar em ser nada mais que receptáculos para os desejos e as inseguranças dos homens.

Vemos novamente aqui representado o discurso sobre o “segredo” que precisa ser protegido, o que configura uma relação interdiscursiva (FOUCAULT, 2008) com o texto do sujeito Bruna, que falou sobre os segredos do corpo trans que precisam ser escondidos para se tornar um “corpo de praia”. Nesse aspecto, notamos que, seja no convívio social, seja no relacionamento afetivo, o sujeito trans é atravessado por um dispositivo da transexualidade que interdita seu corpo, alicerçado em diferentes discursos – patológicos, religiosos – que o colocam como um corpo impróprio, anormal. No relato do sujeito Luana, temos representada a sensação do momento de revelar esse segredo. O efeito de sentido que se tem é de uma sensação de medo, de insegurança, tendo em vista que o sujeito já “sabia o que acontecia com meninas como eu”. Pela memória discursiva em torno desse aspecto, podemos aventar duas possibilidades: ou o homem as rejeitam ou propõe manter o relacionamento, mas em “segredo”.

Outro aspecto que o sujeito destaca é o fato de as mulheres trans precisarem se conformar em “ser nada mais que receptáculos para os desejos e as inseguranças dos homens”, que não querem abrir mão do relacionamento, mas temem as represálias sociais de viverem com um sujeito trans. Em seu texto, o sujeito Luana fala sobre isso de forma bem explicativa:

⁹ Texto completo disponível em: <<https://www.instagram.com/p/B4utf0kne9w/?igshid=i6go4ilp1n6v>>. Acesso em: 7 ago. 2020.

Enquanto mulher trans, sinto como em minha vida tivesse existido pouco ou nenhum amor. Uma vez que ocupamos, dentro da sociedade, um papel que lida, diariamente, com penalizações, o lugar de pessoa “rejeitada” já está internalizado. Porém, a sensação é sentida na realidade, quando em contato com os outros, principalmente, quando se trata de questões afetivas. Afinal, qual homem me beijará? Qual homem andarão junto comigo em um Shopping? Qual homem me apresentará para sua família enquanto companheira? Tendo consciência de toda uma cultura transfóbica sendo pavimentada todos os dias no contexto brasileiro, vir publicamente assumir um relacionamento com uma de nós, irá condicionar aquele parceiro, a enxergar uma transfobia contida em nossa sociedade que, antes ele não se dava conta. E que, inclusive, vem a respingar nele quando ridicularizado por “estar com um traveco”. Para a pessoa que ontem portava privilégios de ser quem apontava o dedo, hoje passar para quem pode receber os dedos apontados, é um jogo de relação de poder que, para a maioria dos homens, não está disponível de se abrir mão.

Esse discurso nos permite visualizar de forma clara o funcionamento de relações de saber-poder na vida afetiva do sujeito. Ele reafirma a ocupação de um lugar de exclusão pelos sujeitos trans, que lhes é imposto. Um lugar de rejeições e penalizações que os fazem não se sentir amados. Há um processo de subjetivação desse sujeito, no sentido de se colocar como o estranho, o anormal e o diferente. Essa subjetivação figura-se quando o sujeito diz que isso já é algo “internalizado”, ou seja, já faz parte da constituição desses sujeitos, constituição essa que é promovida pelo outro a partir de discursos pautados na matriz heterossexual, que não concebe o corpo trans como algo aceitável. Isso motiva as perguntas que Luana faz: “qual homem me beijará? Qual homem andarão junto comigo em um Shopping? Qual homem me apresentará para sua família enquanto companheira?” Esses são lugares que a maioria dos sujeitos trans não ocupam, espaços que lhes são negados e os impede de ter uma vida afetiva.

Cabe aqui lembrar as reflexões de Foucault (2006, 2014b) sobre esse processo de subjetivação. A realidade representada no texto em análise fala de um processo de subjetivação que é promovido pelo outro, pelo exterior, no sujeito trans. O filósofo francês destaca a importância do processo ético de constituição de si pelo sujeito, de modo a construir outros sentidos possíveis para o seu corpo e sua vida. Elaborar outras formas de constituição que inscrevam seu corpo em lugares possíveis. Perguntamos: Esses lugares precisam ser os mesmos da heterossexualidade/cisgeneridade? Por exemplo, é válido reproduzir narrativas de vidas heterossexuais e cisgêneras, como andar juntos no shopping? Vale aqui ressaltar que não nos opomos que esse seja um desejo possível para sujeitos trans, mas buscamos motivar uma reflexão no sentido de perceber que, talvez, enquanto o sujeito buscar reproduzir modelos de existência pautados na heteronormatividade, encontrará a ação de dispositivos que o interditarão.

Feita essa reflexão, passemos a considerar a última parte do trecho em análise, que fala sobre a indisposição do homem cis em assumir um relacionamento e junto com ele o fardo do

preconceito. O sujeito Luana destaca que é muito difícil uma pessoa que possui o privilégio da cisgeneridade abrir mão dele, para ser alvo dos dedos que apontam e reprimem o sujeito trans e, no caso, aqueles que com eles se relacionam. Segundo Luana, “é um jogo de relação de poder que, para a maioria dos homens, não está disponível de se abrir mão”. O próprio sujeito já destaca que o lugar ocupado pelos homens cisgêneros é um lugar de privilégio, uma posição de poder por estarem sob a égide da heteronormatividade, ao contrário dos sujeitos trans. Há, desse modo, uma série de negociações feitas dentro do relacionamento, nas quais o sujeito trans está sempre em desvantagem. Todas essas questões que discutimos reforçam o sentimento de falta de amor no relacionamento, conforme mencionado no início no texto de Luana. Outro ponto que reforça essa ideia é a erotização do corpo trans que é fabricada por homens cis.

Atrelado a visão de sermos seres “exóticos”, vem o não reconhecimento de nossa identidade enquanto mulheres, como já citado anteriormente, nos colocando como uma subcategoria para desejos “estranhos” que aparecem durante o tedioso dia a dia. O entendimento do sexo conosco ser proibido, por sermos criaturas “degeneradas”, cria, para alguns, um fetiche.

Esse último trecho nos permite a leitura de discursos relacionados ao dispositivo da transexualidade, principalmente quando este age no sentido de interditar o corpo trans. Os discursos que atuam nessa interdição são aqueles de ordem patológica, biologizante e também religiosa, que legitimam uma vontade de verdade sobre a não “normalidade” dos corpos trans, que devem, então, ser estranhados, repelidos. O resultado disso é o “não reconhecimento de nossa identidade enquanto mulheres”, o não reconhecimento da existência de identidades de gênero que existam fora da matriz heterossexual.

Por último, temos também “O entendimento do sexo conosco ser proibido, por sermos criaturas ‘degeneradas’, [o que] cria, para alguns, um fetiche”. Esse discurso da proibição é principalmente de ordem religiosa, que vai tratar como pecado a relação entre sujeitos considerados “do mesmo sexo”, ignorando a identidade de gênero e focando somente a matriz sexo-gênero, que, claro, também foi e ainda é sustentado por muitos discursos científicos. Foucault (1999b) discorre sobre como a igreja usou a técnica da confissão para regular as práticas sexuais tidas como pecaminosas, difundindo uma vontade de verdade em torno do sexo como algo que deveria ser feito no casamento, entre homem e mulher, como forma de constituir uma família. Qualquer prática sexual que escapasse desse princípio era combatida. O autor destaca que havia uma verdadeira incitação a falar sobre o sexo no ato de confissão, para que fosse possível a construção de um saber sobre as práticas consideradas anormais.

É possível que o tabu em torno na homossexualidade e da transexualidade, tenha gerado essa curiosidade, esse fetiche por explorar os “segredos” do corpo trans. Se assim for, como parece indicar o texto do sujeito Luana, temos um exemplo claro de objetivação do corpo trans diante de um dispositivo que disciplina esse corpo a ocupar um lugar de subserviência, de objeto de desejo e satisfação do outro, sem considerar os anseios afetivos dos sujeitos trans.

4 Considerações finais

Nosso objetivo neste artigo foi o de analisar o modo como o dispositivo da transexualidade atua no processo de objetivação/subjetivação de sujeitos trans. A partir da análise dos textos do Galeria Trans, percebemos que o dispositivo da transexualidade atua na constituição dos sujeitos trans tanto interditando o processo de transição de seus corpos, como regulando esse processo para que as adequações se deem dentro de um ideal de reprodução da matriz heteronormativa. Notamos, ainda, que o funcionamento do dispositivo da transexualidade tem seus alicerces em relações de saber-poder que emanam de discursos patologizantes enraizados socialmente que sustentam a naturalização da heterossexualidade e da cisgeneridade.

A partir dessas percepções, percebemos que o corpo trans é discursivizado socialmente como um corpo anormal, improdutivo, que precisa ser mantido em segredo, que precisa ser regulado, sendo útil apenas no plano da erotização. Tais vontades de verdade constituem sujeitos trans inseguros em relação a seus corpos, que não conseguem ocupar espaços diferentes daqueles que lhes são impostos ou não conseguem construir um relacionamento.

Por outro lado, as análises mostraram que os sujeitos trans também têm resistido a essas relações de saber-poder, por meio da constituição ética de si. Como vimos no texto do sujeito Bruna, é possível ressignificar esses corpos, tornando-os possíveis, desejáveis, sensuais, a partir da construção de novos saberes sobre si, novas percepções de si, pelo próprio sujeito. Nesse ponto, ressaltamos a importância de considerar a construção de outros modos de subjetivação, que não estejam presos à matriz heterossexual.

Esperamos que nossas reflexões aqui expostas possam contribuir para os estudos sobre o corpo a partir da perspectiva discursiva, bem como para o campo de investigação das relações de saber-poder e práticas de constituição do sujeito no âmbito dos estudos

discursivos foucaultianos. Ansiamos, ainda, colaborar de forma saudável para os estudos sobre a transexualidade, dando visibilidade e ajudando a melhor compreender esses sujeitos.

Referências

BENTO, Berenice. **A reinvenção do corpo**: sexualidade e gênero na experiência transexual. Rio de Janeiro: Garamond Ltda, 2006.

BENTO, Berenice. A diferença que faz a diferença: corpo e subjetividade na transexualidade. **Bagoas**, Natal, v. 5, n. 4, p. 95-112, jun. 2009. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/1243>>. Acesso em: 7 ago. 2020.

BUTLER, Judith. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do sexo. In: LOURO, G. L. (org.). **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. Traduções Tomaz Tadeu da Silva. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2000, não paginado. Disponível em: <http://www.clam.org.br/bibliotecadigital/uploads/publicacoes/867_1567_louroguaciralLopes_corpoeducado.pdf>. Acesso em: 23 maio 2016.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Organização e tradução Roberto Machado. 4. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. Tradução Raquel Ramallete. 20. ed. Petrópolis: Vozes, 1999a.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 1**: a vontade de saber. Tradução Maria Thereza da Costa Albuquerque e José Augusto Guilhon Albuquerque. 13. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1999b.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 2**: o uso dos prazeres. Tradução Maria Thereza da Costa Albuquerque; revisão técnica José Augusto Guilhon Albuquerque. 11. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2006.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Tradução Luiz Felipe Baeta Neves. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

FOUCAULT, Michel. As técnicas de si. In: **Ditos e escritos IX**: genealogia da ética, subjetividade e sexualidade. Organização, seleção de textos e revisão técnica Manoel Barros da Motta; tradução Abner Chiquieri. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014a, p. 264-296.

FOUCAULT, Michel. O sujeito e o poder. In: **Ditos e escritos IX**: genealogia da ética, subjetividade e sexualidade. Organização, seleção de textos e revisão técnica Manoel Barros da Motta; tradução Abner Chiquieri. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014b. p. 118-140.

GROSZ, Elizabeth. Corpos reconfigurados. **Cadernos Pagu**, University at Buffalo, v. 14, n. 14, p. 45-86, jun./2000. Tradução Cecília Holtermann. Disponível em:

<<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8635340>>. Acesso em: 7 ago. 2020.

GUILHAUMOU, Jacques; MALDIDIER, Denise. Efeitos do arquivo. A Análise do Discurso no lado da história. In: ORLANDI, E. P. (org.). **Gestos de leitura**: da história no discurso. Tradução Betânia S. C. Mariani [et al.]. 2. ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1997, p. 163-188.

MILANEZ, Nilton. Corpo cheiroso, corpo gostoso: unidades corporais do sujeito no discurso. **Acta Scientiarum**. Language and Culture, Maringá, v. 31, n. 2, p. 215-222, 2009. Disponível em: <<http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciLangCult/article/view/6684/6684>>. Acesso em: 7 ago. 2020. DOI: <https://doi.org/10.4025/actascilangcult.v31i2.6684>

MISKOLCI, Richard. Estranhando as ciências sociais: notas introdutórias sobre teoria queer. **Florestan**, UFSCar, ano 1, n. 2, p. 8-25, nov. 2014. Disponível em: <<http://www.revistaflorestan.ufscar.br/index.php/Florestan/article/view/62>>. Acesso em: 7 ago. 2020.

RAMOS, Estéfani Dutra. Cuidado de si, práticas de si contemporâneas e discursos de autoajuda: uma leitura foucaultiana. **SapereAude**, Belo Horizonte, v. 7, n. 12, p. 240-255, jul. 2016. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/SapereAude/article/view/P.2177-6342.2016v7n13p240>>. Acesso em: 7 ago. 2020. DOI: <https://doi.org/10.5752/P.2177-6342.2016v7n13p240>

RODRIGUES, Sérgio Murilo. A relação entre o corpo e o poder em Michel Foucault. **Psicologia em Revista**, Belo Horizonte, v. 9, n. 13, p. 109-124, jun. 2003. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/psicologiaemrevista/article/view/168>>. Acesso em: 7 ago. 2020.

SALES, Márcio. **Foucault e os modos de subjetivação**. [S.l.]: Wordpress, 2008. Texto apresentado na XI ANPOF, 2008. Disponível em: <<https://noboteco.files.wordpress.com/2008/05/foucault-e-os-modos-de-subjetivacao-por-m-sales.pdf>>. Acesso em: 31 jan. 2016.

SANTOS, Maria de Fátima Lima. **A construção do dispositivo da transexualidade**: saberes tessituras e singularidades na experiência trans. 2010. 185 f. Tese (Doutorado em Saúde Coletiva) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ, Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: <http://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UERJ_9d932ab54f3ce277f385a6b2e32d4950>. Acesso em: 7 ago. 2020.

SANTOS, Maria de Fátima Lima. A invenção do dispositivo da transexualidade: produção de "verdades" e experiência trans. **Em pauta**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 28, p. 117-130, dez./2011. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistaempauta/article/view/2937/2101>>. Último acesso em: 07 de agosto de 2020. DOI: <https://doi.org/10.12957/rep.2011.2937>

Recebido em: 13 de agosto de 2020

Aceito em: 28 de novembro de 2020